

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSÉ WATLA DOS SANTOS FAUSTINO

**LUTO E MELANCOLIA DURANTE PANDEMIA DA COVID-19: entre a morte sem
adeus e o estado melancólico**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

JOSÉ WATLA DOS SANTOS FAUSTINO

**LUTO E MELANCOLIA DURANTE PANDEMIA DA COVID-19: ENTRE A MORTE
SEM ADEUS E O ESTADO MELANCÓLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Dra. Emília Suitberta de Oliveira Trigueiro

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

JOSÉ WATLA DOS SANTOS FAUSTINO

**LUTO E MELANCOLIA DURANTE PANDEMIA DA COVID-19: ENTRE A MORTE
SEM ADEUS E O ESTADO MELANCÓLICO**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 06/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Emilia Suitberta de Oliveira Trigueiro

Membro: Profa. Esp. Nadya Ravella Siebra De Brito Saraiva (UNILEÃO)

Membro: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa (UNILEÃO)

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

LUTO E MELANCOLIA DURANTE PANDEMIA DA COVID-19: entre a morte sem adeus e o estado melancólico

José Watla dos Santos Faustino¹
Emília Suitberta de Oliveira Trigueiro²

RESUMO

Este artigo investiga a relação entre a melancolia proposta por Freud e Lacan no século passado e a melancolia decorrente dos inúmeros efeitos da Covid 19. Perfilou como objeto de investigação geral compreender as dinâmicas psíquicas do sujeito melancólico na sociedade durante a pandemia da Covid-19 a partir dos registros de Freud e Lacan. Em interface a tal objetivo, foram traçados os específicos desta investigação, quais sejam: investigar além da sintomatologia, os novos moldes sociais influentes na emergência deste quadro clínico. Aduziu-se, examinar o que os autores escreveram sobre transitoriedade e suas implicações de perda, luto não elaborado, melancolia e apontar suas contribuições para a compreensão do luto e da melancolia como sintomas do mal-estar na cultura. Este estudo é de abordagem qualitativa e natureza básica. Os procedimentos referentes à coleta de dados estão alicerçados na pesquisa bibliográfica, a partir da revisão sistemática, sobre as noções da literatura psicanalítica Freudeana, Lacaneana e outros. Somam-se a esse percurso metodológico, os dados sobre o cenário do Covid-19, encontrados a partir dos bancos de informação do Scielo e Google Scholar. Os dados obtidos deixam patente que o trauma na pandemia está intimamente relacionado à noção de catástrofe humanitária, subjetiva e nacional, que a população está inserida. E que a indignidade em relação aos mortos e aqueles que não passaram pelas fases do luto, evidenciam uma espécie de reativação intensificada e caricata de um processo de melancolia, em que os novos moldes sociais emergentes dela chegam ao limbo, cercando todos de incertezas.

Palavras-chave: Luto; Morte; Melancolia; Psicanálise; Covid-19.

ABSTRACT

This article investigates the relationship between the melancholy proposed by Freud and Lacan in the last century and the melancholy resulting from the numerous effects of Covid 19. It was the object of general investigation to understand the psychic dynamics of the melancholic subject in society during the Covid-19 pandemic from the records of Freud and Lacan. In interface to this objective, the specific scans of this investigation were traced, namely: to investigate beyond symptomatology, the new social molds influential in the emergence of this clinical picture. It was asduced, examining what the authors wrote about transience and its implications of loss, unelaborated mourning and melancholy and pointing out their contributions to the understanding of grief and melancholy as symptoms of malaise in culture. This study is of qualitative approach and basic nature. The procedures related to data collection are based on bibliographic research, based on the systematic review, on the conceptions of psychoanalytic literature: Freudean, Lacaneana and other authors. In addition

¹ Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: watlaf@gmail.com

² Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: emiliasuitberta@leãosampaio.edu.br

to this methodological path, the data on the scenario of Covid-19, found from the information databases of Scielo and Google Scholar. The data obtained show that the trauma in the pandemic is closely related to the notion of humanitarian catastrophe, subjective and national, that the population is inserted. And that the indignity in relation to the dead and those who have not gone through the stages of mourning, evidence a kind of intensified reactivation and caricata of a process of melancholy, in which the new social molds emerging from it reach limbo, surrounding all uncertainties.

Keywords: Mourning; Death; Melancholy; Psychoanalysis; Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

Freud em *Sobre a Transitoriedade* (1915) mostra que há um zelo fervoroso que faz com que a morte seja rebaixada de necessidade para o rol das contingências que nos atingem na vida. Veementemente, diz Chaui (2000. p. 307) que, não raro, “somos seres temporais – nascemos e temos consciência da morte” e apesar dessa certeza, de estarmos sob o jugo do perecível do corpo e do organismo, da inexorabilidade do fim da matéria, justamente pela morte ser fato de linguagem – de sentido, e nós, seres intersubjetivos e culturais, portanto –, morremos cada um a seu modo, mas nem sempre estamos preparados (FREUD, 1921).

Denota então uma “atitude cultural-convencional” para com a morte que tem um forte efeito sobre nós (Freud, 1915. p. 291). Sem dúvida visar este resultado respalda, sobretudo, o medo da morte, o qual quase sempre nos retira de quantos enfrentamentos nos são exigidos durante a vida. Somos levados a evitar que a morte seja computada no cálculo final da vida, o que terá como consequência, outros nuances, renúncias e exclusões, como mundo afetivo, de pessoas, lugares, lembranças, promessas, esperanças, conflitos, lutas, que acabam muitas vezes por fazer da vida uma sequência de evitações e denegações.

Acontece que, tirando da vida os riscos inevitáveis que perturbam, incomodam e despersonalizam o sujeito, deixa-se também de estar nela como sujeitos ao desejo, e é o desejo que traz as condições para uma vida psíquica mais saudável e mais inventiva em razão de nossas ligações libidinais com os objetos. “Passamos a vida, então, a evitar o que consideramos a contingência mais dolorosa que serviria de obstáculo para sua realização” tenciona Bianco e Moura (2020). Trata-se, no entanto, de ceder à única alternativa indeletável para a vida dada ao falante: um ligeiro descentramento do sentido instituído e, a explosão de um sentido novo que “nos pega”, quando viver a morte passa a ser a condição para que a vida tenha chance de se exercer e de continuar, como no evento da perda do objeto amado.

Com a incidência da pandemia vê-se um desvio acentuado neste cenário em que se constitui a experiência coletiva da morte, com sua expressão nas singularidades, que por sua

vez se refere ao ponto em que estamos na civilização em que vivemos. Conquanto, como não ser, quando nos deparamos com mais de 160 mil mortes, Brasil, em breves períodos de menos de seis meses; quando se está diante de uma experiência triste com nossos conhecidos e amigos, e quando vemos a vida cotidiana, o estilo de vida, os hábitos, os costumes e as relações completamente mudadas e ameaçadas em sua própria existência, a maneira como tratamos a morte na vida muda inteiramente. Como diz Freud (1915), em circunstâncias assim a morte não se deixa mais “desmentir: é preciso crer nela” (p. 292). Tudo isso tem causado grande sofrimento psíquico e exigido a criação de meios para gerir cotidianamente o nosso desamparo, nossa precariedade, e que nem sempre damos conta. Podemos dizer que é preciso resistir a cada dia, é preciso um esforço a mais para continuar respirando, para continuar existindo.

De maneira análoga, é profícuo dar relevo aos rituais fúnebres, por constituírem como uma das formas de ratificar a vida vivida pela pessoa que morreu, de facilitar a expressão de sofrimento de forma consistente com os valores da cultura, e por também tratar simbolicamente do sentido da morte e da vida, e aguçar uma direção para conferir sentido à perda, ao mesmo tempo em que possibilita a continuidade para os vivos.

Nessa guisa, a melancolia se apresenta como uma dentre as tantas outras sintomatologias existentes na atualidade. Diante do cenário soturno, não há tristeza maior do que relembrar, na miséria, a época em que éramos felizes, afirma Alighieri (1955) perante a tempestade melancólica que arrebatavam os luxuriosos do seu tempo e, hoje operam como pulsão de morte, ancorada a sensação de vazio, dor e pesar deliberadamente Pós-Covid-19, em que sentir-se infeliz pode se tornar um mau hábito. Destarte, a mistura de emoções e sintomas físicos, naturalmente, tem resultado lincar manifestações emocionais desajustadas nos familiares de vítimas do Covid-19. Por essa perspectiva, convém saber se existe relação entre a melancolia proposta por Freud e Lacan no século passado e a melancolia decorrente dos inúmeros efeitos da Covid-19.

Dessa forma, a corporificação desta investigação foi guiada pelo seguinte objetivo geral: compreender as dinâmicas psíquicas do sujeito melancólico na sociedade durante a pandemia da Covid-19 a partir dos registros de Freud e Lacan. Consideramos a dimensão de trauma, em meio ao drástico cenário e desenfreado número de mortes causadas pela proliferação do vírus, da falta da atenção básica e escassez dos tratamentos. Em interface a tal objetivo, foram traçados os objetivos específicos desta investigação, quais sejam: investigar além da sintomatologia, os novos moldes sociais influentes na emergência deste quadro clínico. Ancorado a este cenário de desolamento, sem as condições para sepultamentos e a

impossibilidade de realização das cerimônias, no caso da morte, aduziu-se, examinar o que os autores escreveram sobre transitoriedade e suas implicações de perda, luto não elaborado e melancolia. E, por fim, apontar suas contribuições para a compreensão do luto e da melancolia como sintomas do mal-estar na cultura.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa e natureza básica, uma vez que ela oportuniza, à luz de um contexto e um dado espaço temporal, a concatenação com o objeto de estudo e a compreensão e a análise dos fatos. Os procedimentos referentes à coleta dos dados são alicerçados na pesquisa bibliográfica, que segundo Amaral (2007) é uma etapa fundamental em todo trabalho científico, pois consiste no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa.

Optamos como método de análise a revisão sistemática, viabilizando, desse modo, o levantamento de noções através da literatura psicanalítica: Freudiana (1915; 1917; 1921; 1923; 1996; 1974) e Lacaniana (1993; 1998) e outros autores. Somam-se, a esse percurso metodológico, os dados sobre o cenário de saída desolador e funesto do Covid-19, encontrados a partir dos bancos de informação do *Scielo* e *Google Scholar*, bem como estudos diversos em sites atuais considerados relevantes e que abarca as palavras chaves desse estudo: Luto; Morte; Melancolia; Psicanálise; Covid-19.

3 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O LUTO E A MELANCOLIA

Percorrendo caminhos no intuito de compreender o luto e o seu processo de elaboração, um ano antes da problematização “Sobre a Transitoriedade”, de 1915, o Psicanalista Sigmund Freud aborda os temas melancolia, depressão e luto a partir de um registro em comum, o da perda de um objeto amado e da reação a essa perda. Nesta obra fundamental, o mesmo procura discriminar as semelhanças e diferenças entre essas três formas de reagir à perda, bem como assinalar nas diferenças encontradas, a falta de uma compreensão melhor da questão: prazer - desprazer - dor.

A posteriori, em “Luto e Melancolia” de 1917, o psicanalista ergue diversos argumentos sobre o trabalho do luto, e diz que há uma exigência psíquica ancorada a ela, neste caso, de que a libido seja retirada de suas ligações com o objeto perdido, o que consome boa parte da disponibilidade de energia catexial e de tempo. A investigação psicanalítica mostra que cada uma das memórias das quais a libido está vinculada ao objeto, é evocada e (hiper)catexizada, ocorrendo, portanto, o desligamento da libido em relação a cada uma delas.

Pode-se, assim, acrescentar que, por se tratar de um processo doloroso, de difícil renúncia, o sujeito aceita o fim natural com pesar, libertando o Eu para ressignificar o objeto perdido e eleger novos objetos de amor (investir libido). Para Freud, isso ocorre pelo amor narcísico que mantém vivo. Vejamos:

É do conhecimento de todos, e eu o aceito como coisa natural, que uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito a seu sofrimento. Uma observação mais detida nos ensina que ela também retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar. (FREUD, 1996a, p. 98).

Considerando as colocações acima, pode-se inferir que, para aceitar e reconhecer a perda, o sujeito precisará haver-se de seu autocentramento que se subjazer o narcísico, uma vez que a morte faz um furo em certezas construídas, colocando-o de frente à precariedade humana, à vulnerabilidade, à incoerência e fragilidade do discurso. Nessa detenção, o sujeito é convidado a enxergar seus furos e rebaixar o narcisismo viciado em verticalidade e, ademais, admitir a horizontalidade da condição precária (FREUD, 1996a).

Conquanto, a dimensão do luto e da melancolia tem características semelhantes, mas existe uma diferença fundamental entre eles, que é, enquanto na melancolia a pessoa tem uma forte diminuição da autoestima, isto é, do amor-próprio, no luto não. No luto, o sujeito chora o objeto perdido sem fazer autoacusações.

Nas palavras de Freud, “[...] no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu.” (1917. p.47). Lê-se que, a dor do sujeito melancólico advém de uma ferida aberta, esvaziando o Eu e deixando-o sem condições de investir em outros objetos do mundo. Por assim dizer, o sintoma principal e caracterizador da melancolia está na diminuição da autoestima, “[...] que se expressa em autorrecriminações e auto insultos, chegando até a expectativa delirante de punição”, (FREUD, 1917. p.47).

Com base na ideia supracitada constata-se que na melancolia, diante de uma perda, o que se vê é um caminho regressivo para o narcisismo primário, tempo de constituição do eu ideal, pois revela que para além do objeto perdido, há uma perda desconhecida e inconsciente que absorve o sujeito. Assim, pode-se dizer que a melancolia: “toma uma parcela de suas características emprestada pelo luto, a outra parcela [...] do estado do narcisismo”, (FREUD, 1917. p.109).

[...] se o amor pelo objeto – um amor que não pode ser renunciado, embora o objeto o seja – se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em

ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento.” (FREUD, 1917. p. 256-257).

É factual, portanto, que no estado melancólico a identificação é dada como uma neurose narcísica, afinal, o Eu investe em si, direcionando a libido para sombra instalada no Eu. Dessa forma, é válido destacar os traços ditos por Freud, que caracterizam a melancolia como um estado semelhante ao luto: “[...] sentimento de desânimo profundamente penoso, de uma cessação de interesse pelo mundo externo, da perda da capacidade de amar, da inibição de toda e qualquer atividade” determinado pelo tipo de vínculo estabelecido com o objeto, assinala Freud (1917. p.250). Entretanto, só se pode compreender o tipo de vínculo do melancólico com o objeto a partir de sua perda, isto é, por meio do estudo da sintomatologia apresentada pelo melancólico após a perda do objeto.

Em “*O Eu e o Id*” de 1923, Freud retoma o tema da melancolia a fim de dar coerência a algumas questões abertas em *Luto e melancolia*, como articular o registro inconsciente da perda e o esvaziamento do Eu, e mostrar, sobretudo, que no doloroso infortúnio da melancolia, a substituição de um investimento objetal por uma identificação contribui para a formação do caráter do Eu, ao concebê-lo como “[...] um precipitado dos investimentos objetais abandonados, que contém a história dessas escolhas de objeto” (FREUD, 1923. p.26).

Com base nos estudos de base analítica, principalmente de acordo com visão freudiana, a identificação com objeto perdido está relacionada a uma condição fundamental para formação do Eu, que exige, além da incorporação do objeto no seu corpo e a introjeção, sobre a forma de imagem em seu psiquismo, o reconhecimento da perda através da identificação com um traço do objeto.

A existência desse trabalho que o luto provoca é atestada por Birman (2017) como uma gramática que passa pelos registros do ser o objeto, em um primeiro tempo, que se desdobra, em um segundo tempo, em ter deste objeto apenas um traço, um símbolo. Enquanto na incorporação e na introjeção, o objeto permanece “como um morto sem sepultura” (BIRMAN, 2017. p. 400).

É de grande importância esclarecer que com a identificação, o objeto perdido torna-se um objeto morto e um traço dele fica enterrado no psiquismo, formando o Eu. Parece-nos, então, que se não houver o trabalho de identificação, o trabalho de luto não chega ao seu fim e o sujeito entra em um estado melancólico. Sendo assim, lembremos que Freud (1917) além de retirar o luto do campo da patologia, também elucidou como um trabalho psíquico necessário à subjetivação de uma perda, seja ela, “[...] a perda de alguma abstração que ocupou o lugar

de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (p. 249). E, a produção de remanejamentos pulsionais subjetivos, de maneira a possibilitar a invenção e análise de outros modos de afirmação do viver, em que o objeto perdido recebe outro limiar na dinâmica e na economia do sujeito. A fim de que ele esteja novamente pronto para viver, reenlaçar à sua libido e (re)inaugurar seus laços com outro, na sua energia pulsional em outro objeto.

Em contrapartida, o psicanalista aponta que a melancolia é justamente quando esse trabalho psíquico não acontece, isto é, quando essa perda não é simbolizada, pois há uma extensão e um alongamento desse processo de luto, de um modo em que ele não finda e, portanto, o sujeito acaba derivando no estado melancólico.

Sendo assim, ao fazer tal contraposição, o mesmo elucida outra em relação a uma perda (perdida), que é possível ser simbolizada, e de uma perda que fica espalhada psiquicamente pelo sujeito, uma perda que nunca chega ao fim, pois não consegue terminar esse trabalho de luto.

Na obra *“Reflexões sobre os tempos de guerra e morte”*, escrita seis meses após o início da Primeira Grande Guerra, Freud assinala que o sujeito não tem o registro da morte no inconsciente. “[...] o inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade” (1974. p.170). A morte é uma ideia, dita a pouco, que o indivíduo recalca, uma vez que no inconsciente não há representação da própria morte, pois há algo dela que funciona como uma espécie, segundo Freud, de buraco e/ou abismo impossível de se representar. A situação da guerra produz uma temporária suspensão desta renegação.

Mas antes, convém manifestar o sentimento de Freud com que lhe aconteceu no verão antes da primeira guerra, e motivou a escrever *“Reflexões sobre os tempos de guerra e morte”*. A guerra:

[...] mostrou nossa vida instintiva em toda a sua nudez, libertou os maus espíritos que existem em nós, os que julgávamos domados para sempre, por séculos de educação através das mentes mais nobres. Tornou nosso país novamente pequeno e o resto do mundo novamente distante. Despojou-nos de muitas coisas que amávamos, e revelou a fragilidade de tantas outras que acreditávamos sólidas. (FREUD, 1974. p.188).

Em tal obra, o psicanalista se questiona a respeito das fontes do sofrimento humano quando diz que, para enfrentar as agruras do mundo externo, o ser humano precisa se aproximar de seus semelhantes para conseguir transformá-lo. O questionamento permanece válido ao observarmos o cenário atual. Pois, um aspecto muito importante dessa questão do

luto, é o fato de que, o que define uma cultura é propriamente a maneira como essa cultura vai viver os seus mortos. Como essa cultura vai enlutar e enterrar os seus mortos.

Conquanto, no Brasil, o registro deste acontecimento expôs a população além do horror da possibilidade de encontro com a situação-limite da morte, e fundou novos questionamentos, por exemplo, como está a cultura brasileira quando a morte é tratada como alguma coisa menor? Isto é, quando a morte é minimizada ou desvalorizada e quando os seus rituais estão impedidos de acontecer?

Considerando o que foi dito até agora, no próximo tópico buscamos encontrar respostas para tal questionamento. Afinal, se uma cultura é um conjunto de características, com tradições, crenças e costumes de determinado grupo social, a maneira como vivemos o luto adentra nessa cultura. Outrora, se essa coletividade cultural é violada, moldada, questionada ou relativizada, a morte é algo muito radical, muito grave. Porque, mexer em todas as formas e maneiras sobrepõe-se a dificuldade de não poder homenagear o fato, para alguns, os mortos estão sendo desvalorizados.

4 ENCARANDO A PERDA SEM SE DESPEDIR DO CORPO

Começemos por considerar um dado fundamental. Em 2020, o mundo foi surpreendido pelos efeitos do novo Coronavírus (SARS-CoV-2), que além de paralisar a vida e o sistema econômico, expôs grandes impactos duradouros para o psiquismo humano. Ao mesmo tempo deixou um vazio, marcado pela ausência no presente do que há de mais intenso e marcante no passado. Não por acaso, ficamos apenas com a certeza da finitude, da qual normalmente o ser humano não quer saber (DEVÉS. 2015).

A certeza, no que concerne à morte, demonstra com clareza, de acordo com Freud (1915) ser um destino inescapável e indesejado, que ultrapassa a mera desagregação do que o compõe, pois carrega consigo elementos que o homem se habituou a perceber sob o prisma da dimensão trágica e terrível do fim. Para o psicanalista, é relevante atentar-se ao fato de que o inconsciente desconhece a negação e qualquer forma de negatividade. É por isso que a morte não é representada inconscientemente, e tratada, a posteriori, como um destino inescapável e indesejado.

Assim, tomados pela inexorabilidade do fim da matéria, medo da contaminação pelo vírus (o enigmático antagonista da vida humana quase indistinguível da angústia), as sensações de ansiedade, de estranheza e a percepção repentina de que a vida anterior tinha expirado, que todos os estados brasileiros passaram a atender as medidas preventivas de segurança dadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A invisibilidade do vírus

esvanece o objeto que se teme e, ao mesmo tempo o torna onipresente, desembocando o desamparo, desalento e o estresse agudo, assim causando “[...] a pulsão de morte cavalgando com os quatro cavaleiros do Apocalipse: a peste, a fome, a guerra e a morte” (KALLAS, 2020. p.55).

Segundo Kallas (2020) a abrupta proliferação do vírus emergiu anunciando a chegada da inesperada catástrofe cujo potencial traumático é tão violento quanto o clamor por transformação ao tentar apreender o inapreensível. Isto é, um evento traumático que deixa marcas em todos aqueles que passaram por uma experiência. Nesse mundo convulsionado pela dor da perda, “o que é catastrófico é a experiência vivida pelos humanos e não o evento em si” (DEVÉS, 2015. p. 111).

Em interface ao momento retrocitado, envolto por diversas transformações no cenário mundial, que desencadeia desafios, dilemas e descompassos nos diversos contextos e instituições existentes, também diante dos eventos pontuais que se sucederam anunciando desenfreadamente o número de mortos pelo vírus, a falta de leitos nas vias de uteis e os cemitérios que já não suportavam caber, que Teodoro e Chaves (2020. p.46) assinalam que eliminar a morte ou deixá-la de lado “[...] se esvai na concretude dos óbitos, tomando contornos extremamente terríveis como as imagens dos caixões lacrados em caminhões do exército, covas coletivas e enterros em massa”. Dessa experiência conclui-se que o medo da morte é o principal motor da agressividade e da ambição que alimentou esses extremos.

Nesta toada, é tempestivo o problema que desponta, a priori, a qualquer reflexão ora apresentada, quais impactos são possíveis perceber na cultura brasileira no momento em que a morte passou a ser minimizada, desvalorizada, e quando os rituais fúnebres foram suspensos? Partindo dessa problematização, “[...] esse testemunho da situação de catástrofe é um primeiro momento para a passagem da dor crua e indizível ao sofrimento possível e elaborado” e dessa forma, é fundamental cunhá-la (VERZTMAN; ROMÃO-DIAS, 2020. p. 284).

Nesse passo, acentua-se que o luto é um processo experiencial que oferece ao indivíduo desligar-se dos laços de vinculação e encarar a solidão, a finitude, a transitoriedade e as incertezas que urgem antes e depois da perda. E quando relacionado à pandemia, é oportuno questionar seus infestos, já que não é factível à família/amigos/vizinhos do paciente visitar seu (s) parente (s) no leito do hospital, e que não há possibilidade para despedida. Sem dúvidas, colocar-se diante dessa situação causa um medo que, como diz Gil, Berardi e Safatle (2021), não é uma atmosfera, é uma inundação.

São tantas as perdas que vão desde os aspectos básicos e gerais da vida aos mais idiossincráticos e singulares, que discriminamos alguns:

[...] perde-se em termos de afetos, seja pela morte real do outro – de também não ter tempo e não poder se despedir do ente querido no leito de morte –, seja pela ausência imposta pelo distanciamento, ao ser privado do contato físico com as pessoas que se ama; perde-se a dinâmica social no que tange à liberdade de ir e vir, poder frequentar os espaços urbanos e se relacionar neles; perde-se economicamente através de investimentos financeiros e do desemprego; perde-se em termos existenciais – a saúde, a segurança; perde-se em termos psicológicos diante da oscilação das identificações, do surgimento do medo, da angústia e do desamparo. (TEODORO; CHAVES, 2020. p.45).

Sobretudo, um dos fios condutores da ação de existir atualmente é a necessidade de proteção, encontro de significados e de ser amado. E nesta estrutura convém intuir que, o ser humano por ser gregário social e formador de vínculos não está preparado para enfrentar a perda, separações, rupturas e tudo que o afaste do objeto de prazer. Por isso, é comum o sentimento de angústia profunda, podendo chegar ainda, pela falta do outro (sujeito) ou (objeto), ao adoecimento físico e/ou psíquico. Destarte, lidar com a morte e enfrentá-la é talvez, uma das tarefas mais árduas, principalmente quando se rompe brutalmente com as cerimônias de reintegração, pois a forma como o indivíduo enfrenta a morte está diretamente influenciada pela maneira como ele a encara.

De maneira análoga, é profícuo dar relevo aos rituais fúnebres, por constituírem como uma das formas de ratificar a vida vivida pela pessoa que morreu, de facilitar a expressão de sofrimento de forma consistente com os valores da cultura, e por também tratar simbolicamente do sentido da morte e da vida, e aguçar uma direção para conferir sentido à perda, ao mesmo tempo em que possibilita a continuidade para os vivos.

Ou como acrescentam Guerra e colaboradores, conforme a leitura psicanalítica, o ato do funeral:

[...] preserva o registro do ser enquanto nome, é a marca da existência em memória daquele que entrou no campo da linguagem e se situou também no campo simbólico. Dar lugar ao corpo sepultado é também dar lugar simbólico à morte, é bordejar, dar palavras, lembranças, trazer simbólico em torno do vazio, da inexistência impossível de ser nomeada que é a morte (GUERRA, et.al. 2017. p.73).

Os rituais exercem uma função fundamental diante da morte, ao abrigar, apaziguar e entrelaçar com as perdas de vínculos tão valorizados socialmente. O conceito se configura na promoção de um espaço simbolicamente afetivo àqueles que encontram nos rituais, maneiras de materializar a despedida e, por depois, compreender a concretude da morte do seu ente.

Ao visualizarmos no cenário contemporâneo um movimento de mudança em decorrência do Covid-19, refletimos acerca do sofrimento imbricado ao sujeito que atravessou a perda durante esse período, e teve que renunciar às práticas culturais, que a priori, indicavam a continuidade do cuidado com aqueles que foram pacientes, mas que agora foi rompido. Sem dúvida, é imprescindível tecer essa discussão para compreender o quanto necessário é vivenciar o luto, mesmo à distância, nada sensorial, mas sensitivo.

Observa-se também com advento impetuoso e súbito da pandemia, que existe, ainda, um espaço de elaboração dessa perda com a preparação do corpo e do ambiente, bem como da cerimônia final de despedida. Igualmente é pertinente investigar as marcas e os efeitos da Covid, que como diz Bianco e Moura (2020. p. 8) é “[...] uma situação que nos força a não esconder o horror [...]”. Afinal, com as restrições e a privação das vivências anteriormente citadas “[...] a morte pode se tornar [um] evento solitário, sem espaço para a expressão do sofrimento e para rituais” assinala Kovács (2014. p.95), ou como ainda acrescenta, podendo ser um fator desencadeador para o aumento de estresse, tristeza e culpa na experiência do luto, ao fazer da dor um sofrimento intolerável, de difícil enfrentamento.

Seguindo esse trajeto, os ritos constituem, portanto, cerimônias que marcam etapas de um ciclo e, para além de uma ação, a existência de uma simbolização que detém vários significados. Notá-lo, é “[...] tratar do sofrimento psíquico, com sérias implicações para a saúde mental dos indivíduos e para a vida social” diz Souza e Souza (2019. p.1). No que se refere aos aspectos psicológicos, compreende-se que tais processos de ritualização desempenham a função significativa de corte.

Kallas (2020. p.59) adverte:

[...] um luto que não se processa, que ultrapassa a capacidade de elaborar, de aceitar a morte, podendo se transformar numa depressão ou reagudizar quadros de transtornos mentais preexistentes. Existem também os pequenos lutos, como o luto pelo isolamento, pela perda do contato físico, pela perda do futuro que ruiu, de um passado recente que tínhamos e não valorizávamos e de coisas que deixamos de realizar. A vida é um conjunto de forças que lutam contra a morte. O papel do psicanalista é reforçar os laços com o desejo de viver.

Dessa forma, uma vez que não é polinizado ao sujeito desligar-se dos laços de vinculação para elaborar, ressignificar e transformar a dor em saudade, em boas lembranças e em amor, isto é “[...] quando não há esse tempo necessário de elaboração da perda, ela pode se transformar em um luto patológico.” (Kallas, 2020. p.58). Afinal, as facetas que envolvem a morte: “[...] provocam uma espécie de desorganização psíquica e, não rara, cultural que

encontra nos rituais fúnebres modos de gerenciar os afetos sejam eles individuais ou coletivos” assinalam veementemente (TEODORO; CHAVES, 2020. p.43).

Assim, diante da eventualidade da morte, os funerais oferecem um momento fundamental de preparação para a elaboração do vazio que exigirá um desinvestimento da energia afetiva. Afinal, “[...] esse espaço permite a construção de narrativas que vão auxiliar na localização dos aspectos singulares que constituem a colcha de retalhos das representações que admitimos possuir daquela pessoa que se foi” (TEODORO; CHAVES. 2020. p.43).

As implicações das inúmeras perdas e explosão da violência no campo da cultura durante pandemia provocaram fraturas na dinâmica psíquica ao acentuar a finitude da vida, pondo a necessidade de enfrentar a dor com fim de saturar a fratura da morte, e cumprir com a função de tornar estranho o que, em dado momento, foi colocado como familiar. Com o deslocamento, espera-se o desinvestimento libidinal do objeto. Nas palavras de Valore (2001, p.2) é preciso “[...] descosturar, ponto por ponto, ali onde a ligação ao objeto perdido se desdobra nas representações de coisa que nela se entreteciam. E, é de contornar o furo sem deixar que as peças se separem e de voltar alinhavando até a borda sem apertar demais a costura.”. Afinal, nunca se sabe quando será preciso voltar a desfazê-la e refazê-la outra vez, diz o mesmo.

A seguir, procuraremos investigar os novos moldes sociais decorrente do inesperado e indesejado súbito ataque que paira no ar e repousa provocando drásticas mudanças no viver, marcada pelo questionamento das certezas absolutas, das grandes narrativas, o que por um lado deixa o indivíduo frágil, vulnerável, e por outro, amplia as possibilidades de surgimento de outras interpretações. Afinal, ninguém sai ileso do caos. Entretanto, não resta dúvidas que perder, especialmente aqueles estimados, que não se imaginava cogitar viver sem, fez surgir novos quadros de excesso de narrativas tristes.

5 OS NOVOS MOLDES SOCIAIS INFLUENTES NA EMERGÊNCIA DA COVID-19

Morte somos e morte vivemos, mortos nascemos, mortos passamos, mortos já entramos na Morte. Tudo quanto vive, vive porque muda; muda porque passa e, porque passa, morre. Tudo quanto vive perpetuamente se torna outra coisa, constantemente se nega, se furta à vida. A vida é, pois, um intervalo, um nexa, uma relação, mas uma relação entre o que passou e o que passará, intervalo morto entre a Morte e a Morte. (PESSOA, 1990. p.238).

Partimos de uma descrição de quadros melancólicos com a poesia de Fernando Pessoa, um dos poucos escritores português mundialmente conhecido, que ousou, mesmo com

contradições, trazer uma visão simultaneamente múltipla e unitária da vida. Com forte substrato de filosofia racionalista, oportuna para nossa discussão inicial.

Para Gil, Berardi e Safatle (2021) as forças que provocam a pandemia pertencem a uma ordem de causas incomum à austeridade humana que ainda está sendo estudada. No entanto, colocamos a morte radicalmente em questão devido às inúmeras implicações para a vida dos indivíduos, sobretudo a dificuldade da sociedade em verbalizar sobre o assunto.

Diante do cenário soturno, não há, diz Alighieri (1955. p.55) “[...] maior dor que do tempo feliz o recordar-se na miséria” perante a tempestade melancólica que arrebatavam os luxuriosos do seu tempo e que hoje, operam como pulsão de morte, ancorada na sensação de vazio, dor e pesar deliberadamente Pós-Covid-19, em que “sentir-se infeliz pode se tornar um mau hábito”, complementa o autor.

As transformações sociais aliadas às transformações na estrutura dos sentimentos nos levam a pensar as afecções contemporâneas que aqui se impõe a partir da estrutura melancólica e suas características destrutivas e a proximidade do melancólico com a morte no luto não elaborado. Destarte, é na frenética dança cotidiana que se estabelece a mistura de emoções e sintomas físicos naturalmente ligados às manifestações emocionais desajustadas daqueles sobreviventes da Covid.

Estudo realizado na China, publicado na revista *National Library of Medicine*, no primeiro semestre de 2020, aponta um impacto psicológico imediato na população em decorrência da pandemia ao observar haver um crescimento de sintomas de ansiedade, e até mesmo depressão. Um dos fatores dessa problemática tem como embrião o crescimento desenfreado de casos suspeitos e confirmado em diversas cidades e países, suscitando uma preocupação pública em infectar-se, (ROGER, 2020).

Evidentemente, no Brasil, a pandemia foi potencializada por uma rede de mitos, informações erradas e inverídicas, principalmente quando “[...] o governo decapita o ministério da saúde de uma liderança médica segura em favor de uma tutoria militar cientificamente analfabeta” afirma Jorge, Melo e Nunes (2020. p.509). Sendo assim, a experiência disruptiva de nossas vidas durante a Covid-19, mostrou-nos agravamento com o descaso e a indiferença do governo para com as mortes e com parte significativa de sua população, pondo-nos a pensar os efeitos da ausência de um ritual funerário sobre a subjetividade humana (CABRAL, et al. 2021).

Outra premissa que surge é dada por conta das reportagens errôneas que, talvez, recaem sob uma interpretação equivocada do público sobre mensagens de saúde, causando assim uma preocupação coletiva (CABRAL, et al. 2021).

Outro estudo sobre saúde mental, de relevância para psiquiatras e profissionais da saúde mental, feito pela Revista Nacional em Psicologia e divulgada através do periódico: “*General Psychiatry*”, em 2020, avaliou 52.730 pessoas da população chinesa durante o período de 31 de janeiro a 10 de fevereiro de 2020 e conferiu que cerca de 35% dos entrevistados apresentavam problemas psicológicos, sendo que o grupo feminino inclinava haver sofrimento psíquico significativamente maior quando comparadas aos participantes do sexo masculino. Fatores como o demarcado número de informações obtidas nas plataformas de comunicação foram destacados como causadores de maior estresse na população de adultos-jovens entre faixa etária de 18 a 30 anos (QIU, et. al, 2020).

Nisso, lembramo-nos de quando os eventos pontuais se sucederam, anunciado a chegada do inesperado, em que os canais de televisão com repórteres anunciando a insuficiência de leitos para cuidar dos enfermos. De igual modo, dado o número de mortos pelo vírus e, que os cemitérios já não tinham mais como enterrá-los, observou-se a partir daí o medo contrair o sujeito, a priori, como naturalmente um mecanismo de defesa segundo aponta Freud, mas, delineado em seguida, como um componente de subjetivação que cumpre algumas funções sociais, difundida em situações que potencializa e enfraquece tanto o sujeito quanto às coletividades.

Então, tornou-se comum neste período, embora muito temido, receber uma notícia comunicando o falecimento de alguém próximo, do mesmo modo pulsante descobrir que se teve contato com alguém com diagnóstico positivo do vírus. Foi frutífero para que tão depressa viessem as sensações e sintomas em cadeia. E como relembra Jorge, Mello e Nunes: “até o ar que respiramos fica infectado, ainda que não seja pelo Coronavírus, mas pela espregia da morte e da miséria que se alastra” (2020. p.585).

Em relação às pessoas que mantiveram a rotina de trabalho, o estudo exibiu altos níveis de estresse relacionado à preocupação com a exposição durante o trajeto em transporte público, como também prejuízos, que incluem a privação de renda. Freud (1974) faz uma observação ao dizer que o efeito do trabalho forçado equipara na reinvenção de novos hábitos, sejam elas, das relações pessoais e familiares, dos próprios modelos que a pesquisa elucidou, da economia e dos sistemas políticos, desde a mera organização sanitária até a mais complexa relação com as ideologias.

Nota-se um sentimento inquietante diante da situação de perigo e ameaça, que desperta ansiedade, sensação desagradável da possibilidade de fracasso, afirma Dunker, em *Como acontece o luto?* (2018). Reitera-se que, “vivemos em um mundo desagradável, onde

não apenas as pessoas, mas os poderes estabelecidos têm interesse em nos comunicar afetos tristes, [...] que diminuem nossa potência de agir” (DELEUZE; PARNET, 1998. p. 75).

Em termos metapsicológicos, tais eventualidades constituem como trauma, por se referir a um *quantum* de afeto ou uma energia (a libido) que pode movimentar-se parcial ou totalmente em relação às ideias a elas conectadas, num aparelho psíquico impulsionado por pulsões. Nessas circunstâncias, entende-se por "traumático" “[...] uma experiência vivida que leva a vida da alma, num curto espaço de tempo, um acréscimo de estímulos tão grande que sua liquidação ou elaboração, pelos meios normais e habituais, fracassa.” O que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético (FREUD, 1917. p. 275).

Evocamos a dimensão do trauma porque uma avaliação em diferentes contextos e lugares implica reconhecer; respeitar a dor advinda da perda em decorrência do falecimento de alguém muito amado e querido, da perda de um emprego, da falência de um negócio, uma separação, diagnóstico da doença, ou demais situações de perda. Estas situações reais geram imediatas emoções e sensações, como intensas reações emocionais e comportamentais, como angústia, medo, tédio, solidão, insônia, raiva ou outros.

A partir de tal panorama, qual quadro clínico é de se esperar no futuro? A própria formulação da pergunta, esconde um estado de espírito que já transita entre a melancolia, ansiedade e depressão como males eleitos pela OMS em 2018, sendo, antes mesmo da pandemia, os campeões das doenças que acometem a humanidade. Trataremos de desdobrar brevemente a pergunta que desaponta, por meio das dinâmicas psíquicas do sujeito melancólico e sua implicação (OMS, 2022).

De partida, retomemos rapidamente à luz das proposições iniciais de Freud (1917) em seu texto Luto e melancolia. Em que o último é definido como misto de tristeza e apatia envoltas por angústia e solidão, do qual o sujeito melancólico precisará se haver com o vazio e com o furo, aquilo que é enigmático, está relacionado ao sentido, permanecendo na fronteira entre o imaginário e o simbólico. O furo de uma ordem diferente ao sentido é o próprio vazio no sentido, situado entre o simbólico e o real. Logo, nenhuma ilusão na relação objetal permitirá fazer barragem ao absurdo da existência.

O sujeito melancólico, dessa forma, é aquele que não aceita uma perda, ou às tantas mortes que fazem parte da vida. Seria aquele que se encerra vivo naquilo que perdeu, que vivo, fica no nada, que não aceitando o processo de luto fixa-se naquilo que foi perdido. Como dizia Epicuro, “podemos defendermo-nos de muitas coisas, mas, no que respeita à morte, todos os homens vivem numa cidade sem muralhas” (2009. p.134). E, complementa

Montaigne (2000), todo o contentamento dos mortais é mortal, o processo de luto representa esse aceiteamento, já a melancolia não.

Segundo Freud (1917), não podendo fazer consistir o desejo do Outro, pois o sujeito melancólico é presa da queda. Logo, sem dialética possível com o objeto “a”, expressão atribuída por Lacan (1963/ 2005) para designar aquilo que ignoramos, que é a presença inapreensível do outro amado em nós, o que perdemos quando a pessoa do eleito desaparece definitivamente da realidade exterior, dando curso à elaboração de uma fantasia fechada. Estando assim, o desejo radicalmente em pane, a demanda não tem oportunidade de eclodir. O objeto cai e arrasta em sua queda o sujeito melancólico para um grande vazio e torna iminente a catástrofe permanente.

Recorremos à outra proposição decisiva de Freud (1915; 1917) e Lacan (1963/ 2005), que é a relação do sujeito com a falta. Quando se trata de abordar o tema do objeto na psicanálise, Lacan, seguindo os caminhos trilhados por Freud, assinala que a falta resulta da impossibilidade de confinar o desejo. Isto é, a dimensão do desejo não se define pela presença de um objeto, já que é precisamente a falta dele que opera. Sendo assim, podemos considerar que o objeto faltante, aquilo que se perdeu, além de impedir o sujeito de viver a homeostase e a tranquilidade que dela resultaria, instaura um desejo: o desejo de obter a satisfação por meio da aliança, da conquista desse objeto que lhe é, portanto, exterior.

Dessa forma, a problemática do trauma na pandemia está intimamente relacionada à noção de catástrofe humanitária, subjetiva e nacional, em que particularmente a população brasileira está inserida. Intui-se que a indignidade em relação aos mortos e aqueles que não passaram pelas fases do luto, faz parecer uma espécie de reativação intensificada e caricata de um processo de melancolia, pois a percepção que se tem é de inundação em massa enorme de cadáveres que não foram enterrados. Dado que, em qualquer processo de luto, de acordo com Freud, é da espécie humana a necessidade de um ritual funerário, onde de alguma maneira esse morto possa ser prestigiado e reconhecido.

Dessa forma os novos moldes sociais emergentes do Covid-19 chegam ao limbo, nos cercando de incertezas. O mecanismo disparador desta espécie de vírus é, sem dúvidas, uma variante melancólica semelhante a postulado nos estudo de Freud e Lacan, pois dela vem à pilha de mortos, o luto inexistente e a sensação de impotência. Campo fértil que deixa muitos sem perspectiva de futuro, dissolvido e sem esperança de que o futuro seja possível.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na guisa do artigo, afirmamos que os conceitos de morte, luto e melancolia viriam em nosso auxílio para situar o que está em jogo aqui. Trata-se da tomada de uma posição ética de enfrentamento de uma situação que nos põe a não esconder o horror, e tampouco sucumbir ao pânico e menos ainda a covarde indiferença à dor e sofrimento do outro. Afinal, a ameaça é real e eminente, e suas reações podem ser as mais variadas possíveis, todas elas legítimas em face da gravidade da situação.

Os efeitos da pandemia vêm atingindo direta e indiretamente a saúde mental das pessoas nos mais diversos aspectos, em tons gritantes de vida e morte, prazer e dor nos extremos desejanter, o que implica numa condição preocupante de saúde pública. Sendo necessário reconhecer que pessoas atravessadas pela experiência da perda nesse período estão suscetíveis a algum tipo de sofrimento mental, por sofrerem as perdas, ou por vivenciarem situações de agravamento e interações próprias, de familiares ou pessoas queridas. Do ponto de vista da saúde mental, uma epidemia de grande magnitude como a da Covid-19 implica em uma perturbação mental que pode ultrapassar a capacidade de enfrentamento da população afetada, principalmente quando as atividades culturais de sepultamento e rituais de despedidas estão impedidas de acontecer.

Na presença do desprazer que a morte provoca, questão decisiva, insolúvel e subitamente real - o caráter simbólico dos rituais permite que a perda seja mais acessível de ser exercitada em nossa consciência, através de símbolos que ajudam na passagem por essa fase difícil e na reintegração cotidiana e social rompida pela mudança que a perda ocasiona. Entende-se, dessa forma, que a energia presente nos rituais relacionados à morte possibilita aos vivos amenizar possíveis sentimentos de culpa, remorso e arrependimentos. Sendo o ritual fúnebre necessário para a maturação psicológica por ter atribuições relevantes, como ajudar o indivíduo a confrontar-se com a perda concreta, entrando no processo de luto e possibilitando-o, também, a manifestação pública de seu luto.

Dadas às tensões apresentadas nesse artigo, reconhecer que estamos mais próximos de nossos próprios limites é justamente a via estreita de que dispomos para quem sabe, encontrar um reequilíbrio emocional, um novo equacionamento para os nossos impasses. Num mundo eventual pós-pandemia não se tratará, muito provavelmente, de apenas restituir um modo de vida anterior que, a essa altura, tende a ser situado como o melhor dos mundos.

Sabemos também que não está na esperança, pois só com esperança, não se sustenta. Tampouco podemos viver do amor da recordação do que se foi. Trata-se então de coragem,

como bem nos lembra Guimarães Rosa, carece de ter coragem, pois “[...] que é que a gente sente, quando se tem medo?”; para enfrentar o vazio e a certeza do instante, para superarmos a angústia do viver, e viver sem. O tratamento psicanalítico assim como a vida é uma situação de crescimento e perda que exige coragem. E o que nos resta, é deixar ao futuro, as notícias do que teremos sido durante o tempo da pandemia.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, D. **A divina comédia**. Tradução José Pedro Xavier Pinheiro, 1822-1882. São Paulo: Antena, 1955. E-BOOK DIGITAL. Disponível em> <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00002a.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2022.
- AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza: UFC, 2007. Disponível em> <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>. Acesso em: 22 Jun. 2022.
- BIANCO, A. C. L.; MOURA, F. C. Covid-19: Luto, Morte e a Sustentação do Laço Social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, p. 1-11. 2020. Disponível em> <https://www.scielo.br/j/pcp/a/d9mBr3GZfndZsRN6wtL7D9q/?lang=pt> . Acesso em: 25 Set. 2022.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal estar na psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CABRAL, N. *et al.* Luto e melancolização na pandemia do COVID-19. **Leitura Flutuante, Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise**, v. 13, n. 1, p. 02-15. 2021. Disponível em> <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/52749>. Acesso em: 09 Set. 2022.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- DELEUZE G.; PARNET C. **DIÁLOGOS**. (Trad). Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.
- DEVÉS, M. H. La questionduréel: de lascience à la catástrofe. **Recherches en Psychanalyse, Université de Paris**, p.107-116. 2015. Disponível em> <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01446267/document>. Acesso em: 15 Nov. 2022.
- DUNKER, C. **Como acontece o luto?** Canal Youtube: Falando Nisso 210. 23, Nov. 2018. Disponível em> <https://www.youtube.com/watch?v=0Kz7jsXo6B4>. Acesso em: 20 set. 2022.
- EPICURO. **Cartas, Máximas e Sentenças**. Trad. Gabriela Baião. Lisboa: Edições Sílabo, 2009.

FREUD, S. (1916). Sobre a Transitoriedade. *In: Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1915.

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. Primeiras publicações Psicanalíticas. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. (1915a). Luto e Melancolia. *In: Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917.

FREUD, S. (1920-1923). “Psicologia das massas e análise do eu”. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1921.

FREUD, S. O. (1923-1925). Ego e o superego *In: Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, S. (1915b). Reflexões para os tempos de guerra e morte.. *In: Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GIL, J; BERARDI, F. B; SAFATLE, V. **Pandemia crítica outono**. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc, 2021.

GUERRA, M. N. *et al.* A morte-corte do significante: entre Antígona e Equivalentes. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 49.1. p. 62-79, 2017. ISBN: 0101-4838. Disponível em ><http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v49n1/v49n1a04.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.

JORGE, M. A. C.; MELLO, D. M.; NUNES, M. R. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimento – e luto: afetos do sujeito da pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 23 n. 3, p. 583-596, set. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p583.9>. Acesso em: 10 Set. 2022.

KALLAS, M. B. L. Psicanálise, sonhos e luto na pandemia. **Reverso**, Belo Horizonte, n. 71, p. 55-64, Dez, 2020. Disponível em ><https://www.ampmg.org.br/artigos/psicanalise-sonhos-e-luto-na-pandemia>. Acesso em: 01 Out.2022.

KOVÁCS M. J. O caminho da morte com dignidade no século XXI. **Revista Bioética**, Brasília, v. 22, n.1, p. 94-104, Mai. 2014. Disponível em ><https://www.scielo.br/j/bioet/a/QmChHDv9zRZ7CGwncn4SV9j/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 Out. 2022.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1956). *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 238-324.

LACAN, J. O seminário: Livro 10. *In A angústia* (1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**, I. Trad. R.C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. *In: Pandemia de*

COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Washington, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em: 5 out. 2022.

PESSOA, F. **Desassossego**. v.1, Coimbra: Presença, 1990.

QIU, J. *et al.* A nationwide survey of psychological distress among Chinese people in the COVID-19 epidemic: implications and policy recommendations. **General psychiatry, American, Mai.** 2020. Doi:10.1136/gpsych-2020-100213. Disponível em><https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7061893/pdf/gpsych-2020-100213.pdf> . Acesso: 11 set. 2022.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ROGER C. H. Respostas psicológicas imediatas e fatores associados durante o estágio inicial da epidemia da doença de coronavírus de 2019 (COVID-19) entre a população em geral na China (Trad.) **National Library of Medicine**, China, v. 1, Mar. 2020, Disponível em> DOI: 10.3390/ijerph17051729. Acesso: 11 set. 2022.

SOUZA, C. P. SOUZA; A. M. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psicologia Teoria e Pesquisa: Psicologia Clínica e da Cultura**, Brasília, v.35, 2019. Disponível em><https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Acesso em: 11 set. 2022.

TEODORO, E. F.; CHAVES, W. C. Luto e pandemia: possibilidades e desafios de uma clínica da historicização. In. **Dossiê Cultura em foco: Distanciamentos e aproximações culturais em tempos de pandemia Luto e pandemia**. 2020. DOI: 10.23899/9786586746112.42. Disponível em> <https://publicar.claec.org/index.php/editora/catalog/download/41/39/152-1?inline=1>. Acessado 14. Set.2022.

VALORE, A. M. S. Trabalho de luto. In: **XII JORNADA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS E CARTÉIS**, Foz do Iguaçu. p. 1-10, Dez. 2001. Disponível em: https://letrapsicanalise.files.wordpress.com/2015/08/trabalho_de_luto.pdf. Acesso em: 26 ago. 2022.

VERZTMAN, J; ROMÃO-DIAS, D. Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 23, n.2, p.269-290, jun. 2020. Disponível em> <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>. Acesso em: 14 Set. 2022.